

A PRODUÇÃO DA PSICOSFERA E DA TECNOSFERA DA INSEGURANÇA EM PAU DOS FERROS/RN

Francisco Ringo Star Pinto

Graduado em Geografia e Mestrando em Ensino/CAMEAM/UERN
geografo.pesquisa@gmail.com

Rosalvo Nobre Carneiro

Professor Doutor do Curso de Geografia/CAMEAM/UERN
rosalvonobre@uern.br

Resumo

A territorialização da violência e o caos da segurança pública tem sido responsável pela proliferação e expansão em larga escala de sistemas de vigilância e equipamentos nos condomínios fechados de segurança privada, instalada nas residências das grandes cidades. Uma estratégia que vem sendo utilizada, como forma de se proteger do caos da violência e da criminalidade, em tempos de globalização. Propõe-se estudar a Produção da Psicosfera e da Tecnosfera da Insegurança em Pau dos Ferros – RN, diante desses dois pares indissociáveis que são a violência e a insegurança. A partir de um recorte espacial, o bairro Nações Unidas de Pau dos Ferros, foi escolhido como área de estudo, pois, é o bairro que mais contém sistemas de segurança privada e vigilância particular. Além de entrevistas realizadas com os moradores desse bairro, que foram objetos fundamentais da pesquisa empírica. Buscou-se estudar os conceitos de Psicosfera e Tecnosfera definidos pelo geógrafo Milton Santos (2012), Melgaço (2010) e Carneiro (2008, 2013). Identificou-se uma presença marcante de cercas elétricas, câmeras de monitoramento de vigilâncias e concertinas. Conclui-se que a maneira pelo qual a segurança tem sido buscada, aumenta a privatização dos condomínios e residências. Contudo, o excesso de proteção por meio da tecnosfera da insegurança, só tem reforçado mais ainda a psicosfera da insegurança.

Palavras-chave: Insegurança, Psicosfera, Tecnosfera, Violência.

Production of the psychosphere and technosphere of insecurity in Pau dos Ferros/RN

Abstract

The territorial violence and public security chaos have been responsible for the proliferation and expansion of large-scale surveillance systems and equipment in private security gated communities, installed in the homes of large cities. A strategy that has been used as a way to protect themselves from the chaos of violence and crime in times of globalization. It is proposed to study the production of psychosphere and Technosphere of insecurity in Pau dos Ferros - RN, before these two inseparable couples who are violence and insecurity. From a spatial area, the United Nations district of Pau dos Ferros, was chosen as the study site because it is the neighborhood that contains more private security systems and closely monitored. In addition to interviews with the residents of this neighborhood, which were fundamental objects of empirical research. We sought to study the concepts of psychosphere and Technosphere defined by the geographer Milton Santos (2012), Melgaço (2010) and Carneiro (2008, 2013). We identified a strong presence of electric fences, surveillance cameras for surveillance and concertinas. It is concluded that the way in which security has been sought, increases privatization of condos and homes. However, excessive protection through the technosphere insecurity has only strengthened further the psychosphere insecurity.

Keywords: Insecurity, Psychosphere, Technosphere, Violence.

1 Introdução

O medo da violência e o sentimento de insegurança tem sido responsável pela proliferação e expansão em larga escala das inúmeras tecnologias particulares de segurança privada, instaladas nas residências das grandes cidades como uma forma de proteção. Como resposta à sensação de insegurança, as pessoas criam em seu imaginário, aquilo que iremos discorrer de psicosfera da insegurança, resultando assim, na construção da tecnosfera da insegurança. A isso se deve ao processo acelerado de metropolização e urbanização, na medida em que a cidade se expande, cresce também a criminalidade e a violência, e quando a segurança pública não dá mais conta de garantir a paz e a tranquilidade do cidadão, surge no dizer de Carneiro (2013, p.65) “a esfera tecnológica da insegurança que faz parte do território e, representa na paisagem a sua inseparabilidade com a esfera psicológica do medo”.

Para Santos (2012, p.186) “A influência das técnicas sobre o comportamento humano afeta as maneiras de pensar, sugerindo uma economia de pensamento adaptado à lógica do instrumento”. Podemos atribuir essa frase às técnicas eficientes de segurança tão utilizadas nas residências, em instituições públicas ou privadas para a manutenção da vigilância e da paz. A instalação das câmeras de monitoramento, constitui um motor fundamental nessa fase contemporânea, pois, é uma estratégia que as pessoas utilizam na prevenção contra os roubos nas residências, nas lojas e nos comércios.

Propõe-se estudar a Produção da Psicosfera do medo e da Tecnosfera da Insegurança em Pau dos Ferros/RN (**Figura 01**), cidade polo da microrregião do Alto Oeste Potiguar/RN com 29.430 habitantes (IBGE, 2013) a partir desses dois pares indissociáveis que são a violência e o medo, que se transfiguram no espaço geográfico em forma de objetos e ações (SANTOS, 2012), ao mesmo tempo em que os setores de indústrias de segurança, perpassa no imaginário das pessoas um sentimento de insegurança, contribuindo sobretudo, com o crescimento da indústria de segurança privada nas cidades brasileiras, sendo que Pau dos Ferros não escapa dessa realidade.



Figura 01: Mapa de localização de Pau dos Ferros: Alto Oeste Potiguar-RN

Elaboração: Rosalvo Nobre Carneiro

Estabelecer uma relação entre a psicosfera da insegurança produzida no inconsciente das pessoas a partir da insegurança, é de suma importância para que ao longo da discussão teórica e empírica deste trabalho, o leitor possa compreender a existência daquilo que iremos discorrer de tecnosfera da insegurança, destacando a fase do meio técnico-científico-informacional incompleto, em que a expansão do espaço urbano, a expansão das atividades de serviços e comércios, ensino superior e cursos técnicos são algumas das características dessa fase, e que vem ocorrendo nos últimos 10 anos na cidade de Pau dos Ferros, e, que caracteriza o aumento da violência e conseqüentemente a insegurança, devido ao fluxo populacional constante de pessoas de outras cidades circunvizinhas e de outros estados como no caso da Paraíba e Ceará, que buscam em Pau dos Ferros o polo de atração regional. Para tanto, a construção dos sistemas técnicos de segurança privada, em um bairro que não é tão violento e composto por crimes, demonstra a existência de uma psicosfera da insegurança.

Ao longo da discussão, procuramos revelar de forma precisa e objetiva, a pertinência e a construção deste trabalho com as pesquisas realizadas em campo, procurando sempre deixar claro a realidade e o enigma da insegurança.

Foi escolhido como recorte espacial, o bairro Nações Unidas de Pau dos Ferros, pois, é o bairro que mais contém cercas elétricas com alarmes, concertinas, muros altos com grampos, além de câmeras de vigilância instalada em algumas residências. Além de entrevistas realizadas com os moradores desse bairro, diante do estudo realizado e das falas dos entrevistados, o Bairro Nações Unidas não é um bairro tão perigoso de se morar, pois não há tanta violência e outros crimes, quando se compara a outros bairros de Pau dos Ferros, o que se nota é um bairro calmo durante o dia, e escuro durante a noite, onde as pessoas privatizam-se e se trancam em suas residências.

Diante dessa realidade do medo e o sentimento de insegurança que se prolifera na sociedade a partir da violência e das desigualdades sócioespaciais, e em seguida se espalha no território brasileiro, como no caso de Pau dos Ferros-RN, é possível perceber a presença em grande número de indústrias de segurança privada em todo o país, se transfigurando e se materializando no território, maquiando uma sensação de segurança nas pessoas, interessados no controle social e na obtenção de lucros.

A segurança buscada pelas pessoas, devido a ineficiência do Estado neoliberal que ainda deixar muito a desejar em relação à segurança pública, que aliás, é um direito de todos, aumenta cada vez mais, a individualização das pessoas em relação aos outros, devido aos perigos, levando-as a se privatizarem cada vez mais, construindo em seu entorno, o excesso cada vez mais da tecnosfera da insegurança.

2 Psicosfera e tecnosfera da insegurança: breves considerações conceituais

Os estudos sobre violência, medo, criminalidade, e (in)segurança pública, têm sido abordados e bastantes discutidos dentro da Geografia, já que é a ciência que tem objeto de estudo o espaço e a interação do homem a partir de suas ações em forma de objetos.

Doravante a isso, Carneiro (2008) estudou a violência na região do Alto Oeste Potiguar, Rio Grande do Norte, utilizando-se dos conceitos de tecnosfera e psicosfera elaborados por Santos (2008, p.30), para quem a “tecnosfera é o resultado da crescente artificialização do meio ambiente. A esfera natural é crescentemente substituída por uma esfera técnica, na cidade e no campo” ao passo que a “psicosfera é o resultado das crenças,

desejos, vontades e hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticos, as relações interpessoais e a comunhão com o Universo”.

Com o avanço da globalização, a modernização da técnica e a ação imposta pelas novas relações sociais que alteram o espaço geográfico, uma vez que este também condiciona a possibilidade de transformação, muitas inovações tecnológicas têm se expandido, já que “o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuído de artificialidades, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao seu lugar e a seus habitantes” (SANTOS, 2012, p.63).

Devemos tomar como exemplo: a esteira das transformações oriundas da revolução técnico-científica; a produção em massa de armamentos químicos e nucleares, além da indústria do crime circulando por todo o Brasil e em alguns países do mundo, podem ser uma dessas consequências do medo contemporâneo. Porém, não devemos esquecer que as palavras de Bauman, relatam bem essa fase: “A geração mais tecnologicamente equipada da história humana, é aquela mais assombrada por sentimento de insegurança e desamparo” (2008, p.132).

Evidentemente que a tecnosfera da segurança proposta por Carneiro (2014), isto é, a segurança pública garantida pelo Estado, não tem sido capaz de combater os perigos causados pela violência últimos anos, já que na visão de Ballesteros (2014, p.07), “As políticas de segurança pública no Brasil têm sido, em regra, pensadas e implementadas de forma fragmentada e pouco planejadas”. Diante desses estudos, podemos reafirmar que a fragilização da segurança pública, contribui para a crescente materialização da violência sobre o território, se expandindo para o interior dos estados brasileiros.

Contudo, tirando vantagem dessa realidade em que vivemos, as empresas de segurança privadas, a cada dia fabricam meios cada vez mais sofisticados de proteção, já que em tempos de consumo e competitividade, as empresas hegemônicas dão o melhor de sua produção na busca desenfreada de vencer o seu concorrente a qualquer custo. Nestas circunstâncias, Santos (2004) afirma que:

O consumo é o grande emoliente, produtor ou encorajador de imobilismos. Ele é, também, um veículo de narcisismos, por meio dos seus estímulos estéticos, morais, sociais; e aparece como o grande fundamentalismo do nosso tempo, porque alcança e envolve toda gente. Por isso, o entendimento do que é o mundo passa pelo consumo e pela competitividade, ambos fundados no mesmo sistema da ideologia (p.49).

Quanto a Pau dos Ferros-RN, essa realidade não está longe de ser vista e sentida, pois, a violência e a criminalidade tende a aumentar, porém, na medida em que a desordem e a insegurança se materializam no território, cresce, todavia, cada vez mais a instalação de câmeras de segurança nas agências bancárias, nos semáforos do trânsito e outros equipamentos a serviço da segurança, que não são suficientes para diminuir os crimes e o medo na região, ou seja, o avanço desta tecnosfera pelo território é acompanhado do aumento da psicosfera diretamente ligada a ela, seja como sensação de segurança, insegurança. Esta situação corrobora a afirmação de Santos (2008, p.30), cujo meio técnico-científico-informacional no Brasil é “[...] muito mais presente como psicosfera que como tecnosfera”, o mesmo ocorrendo, portanto, na cidade em análise.

A insegurança é crescentemente vista na forma urbana onde o Estado Já não é mais capaz de cumprir a proteção necessária dos cidadãos, o que facilita ainda mais a construção de um medo no inconsciente das pessoas, isto é, uma psicosfera da insegurança. No caso de Pau dos Ferros, este é mais caracterizado pela violência que paulatinamente vem crescendo em

sua estrutura urbana e o atual processo de globalização que acaba favorecendo os meios tecnológicos como no caso da instalação de cercas elétricas nos muros altos das residências, câmeras de segurança (**figura 02**), capazes de privatizar a liberdade dos indivíduos, parecendo uma sensação de segurança.



Figura 02: Cerca elétrica no muro de uma residência do Bairro Nações Unidas em Pau dos Ferros

Fonte: Francisco Ringo Star Pinto

Contudo, há uma crescente utilização da tecnosfera da insegurança, que é tanto consequência da violência que cresce e se espalha de forma preocupante, como também sendo uma questão cultural, sobretudo passada pela mídia e as indústrias de segurança privada, que tem como o ideário o consumismo, desde os grandes centros urbanos, até as pequenas e médias cidades, no qual, leva cada vez mais a necessidade de se construir a tecnosfera da insegurança em número elevado, a exemplo de Pau dos Ferros-RN.

3 A construção da tecnosfera da insegurança em Pau dos Ferros-RN

Pau dos Ferros (RN), cidade sub-regional e pólo regional dos serviços e comércios, das ações cotidianas e da atração populacional intra e extra regionalmente, também se tornou nos últimos anos, uma cidade timidamente marcada pela violência e insegurança.

Essa sensação de insegurança é possível perceber com o processo recente de urbanização pauferrense, na medida em que cresce a criminalidade e a violência. “Atualmente a forma urbana que mais tem movimentado o setor imobiliário brasileiro são os chamados *condomínios fechados*” (MELGAÇO, 2012, p.82). Uma visão ancorada sobre uma classe média, que investe em seus condomínios residenciais com os mais variados aparatos de segurança privada para defesa e proteção da vida, ao mesmo tempo em que se torna uma forma de privatização de liberdade, criando assim aquilo que se produz no inconsciente social como psicosfera da insegurança.

Pinto e Carneiro (2013) trataram desse tema, reafirmando no estudo a existência inseparável do medo com o meio técnico-científico-informacional incompleto, enfatizando com isso, que na região os índices de violência considerados altos para os seus padrões municipais, são sobretudo, resultado dessa época em que vivemos.

A territorialização da violência implica realimentar a insegurança pela via inércia espacial e pelo papel do espaço no processo social. O geógrafo francês Yves Lacoste (*apud* Ferreira e Pena, 2005, p.159), não é menos categórico ao dizer que “o espaço não é neutro nem inocente”. Não é neutro, porque interfere no processo realizado pelas ações sociais e não é inocente por ser estratégico.

Essa estratégia faz com que as pessoas construam objetos de proteção para garantir a sua segurança privada, ao mesmo tempo em que impede a liberdade do ser de dentro para fora. Estudando a violência na Região do Alto Oeste Potiguar (RN), Carneiro (2009), ressalta que:

Na “tromba do elefante” cada vez mais a sociedade investe na construção de uma *tecnosfera da segurança privada*, isto é, um conjunto de tecnologias particulares utilizadas com o objetivo de reconstituir a sensação de segurança, resultante da deficiência da *tecnosfera da segurança pública* ou o conjunto de tecnologias do Estado utilizadas pelo aparato policial para garantir a sensação de segurança da população (CARNEIRO, p.12, grifos do autor).

Na mesma linha de discussão teórica, Baierl ressalta que:

[...] As pessoas constroem prisões para a proteção, defesa da vida e do seu patrimônio. Cria-se desde os mais simples até os mais sofisticados sistemas de segurança e proteção de patrimônios e da própria vida: desde altas tecnologias, blindados, sensores eletrônicos, câmeras escondidas que vigiam espaços, até o conjunto de seguros de casa, carros e de vida [...] (2004, p.62).

Esses aparatos de segurança privada e de vigilância carrega um certo paradoxo, ao mesmo tempo em que o morador tem a sensação de se sentir seguro às custas desse tipo de instalação em seu patrimônio, o sentido de liberdade acaba também sendo uma perda, uma vez que os moradores estão submetidos à vigilância diária. O sociólogo contemporâneo Bauman (2003), assinala bem essa contradição, quando diz:

Você quer segurança? Abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer essa sensação de aconchegante de lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e mantiver as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado e, no limite, opressivo (p.10).

O individualismo, a maneira de se recuar diante dos outros, as estratégias de proteção e privatização à vida, contra a violência e a criminalidade, é o fato mais normal de segurança que as pessoas encontram para se distanciar e se defender de outras pessoas que estão ao seu entorno nos dias de hoje, pois, certo estava Tuan (2005, p.14) quando assinalava que “as pessoas são nossa maior fonte de segurança, mas também a causa mais comum do nosso medo. Elas podem ser indiferentes às nossas necessidades, trair nossa confiança ou procurar diligentemente nos fazer o mal”.

Apesar da violência não ser considerada em taxas elevadas a padrões nacionais, a cidade de Pau dos Ferros, não está longe da realidade estudada, já que alguns bairros expressam em sua visão geográfica, verdadeiras paisagens de medo e insegurança, como no caso do Bairro Nações Unidas (**Figuras 03 e 04**), que é o centro das atenções espaciais para explicar a psicosfera e a tecnosfera da insegurança em Pau dos Ferros (RN).



Figuras 03 e 04: Instalação de cerca elétrica e concertina em condomínios residenciais: Bairro Nações Unidas

Fonte: Francisco Ringostar Pinto

Mais do que uma consequência da violência e da criminalidade que tende cada vez mais a aumentar pelo Brasil, na região Nordeste e nas cidades do Rio Grande do Norte, o fato da sociedade fazer uso de portões com grades, câmeras de vigilância, guaritas, cercas elétricas, todo um aparato de técnicas de segurança privada em suas residências, estas são mais vistas por questões culturais, ou aquela visão de Silveira (2013, p.296), em que:

A cultura do medo possui forte influência na formação do imaginário das pessoas e tem como principal característica o sentimento coletivo de insegurança, provocado por percepções distorcidas da realidade impostas por setores alarmistas, interessados no controle social ou na obtenção de lucros.

As casas e os condomínios hoje construídos no Bairro Nações Unidas Pau dos Ferros, testemunham nossas análises científicas e empíricas, comprovando que cada vez mais as pessoas se fecham para o lado de fora, isto é, das ruas e da convivência social.

Na visão de Pinto e Carneiro (2013, p.52) Pau dos Ferros (RN), assim como boa parte das cidades da Região do Alto Oeste Potiguar (RN):

Ainda são aqueles crimes ligados a crimes tradicionais como no caso de brigas ocasionadas por intrigas familiares, consumo de álcool, homicídios e roubos, mas também, há aqueles ligados à modernidade, como por exemplo, os assaltos a bancos que tem sido muito frequente na região nos últimos anos, acidentes de trânsito e o tráfico de drogas que vem aumentando a cada dia.

Apesar da violência ser alta aos padrões municipais, Pau dos Ferros é inegavelmente uma cidade calma, quando se é comparada a cidades como Mossoró, Natal, Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo, mas a visão geográfica que se tem nesses bairros a partir da privatização e proteção dessas casas e condomínios, é a sensação de que a insegurança e o medo que desperta nas pessoas, o desejo de se alto proteger contra os perigos exteriores, isto é, contra os roubos ou até mesmo a visita de estranhos, conformando assim a existência da psicosfera da insegurança.

O bairro Nações Unidas (**Figura 05**), é proporcionalmente o bairro que mais contém cercas elétricas, e concertinas. Ao todo, são 115 equipamentos desse tipo de segurança privada instaladas nas residências e condomínios verificados, além dos serviços de vigilância

particular, que tem a função durante a noite de vigiar a área¹. Isso gera uma interpretação as vezes, exagerada de quem não conhece o Bairro, pois, a primeira sensação que se vem à mente, é de um bairro extremamente perigoso de se conviver, porém, o que se verifica a partir da temática estudada, é que a instalação ou a construção dessa tecnosfera da segurança privada, é mais uma questão culturalmente construída nos últimos anos pela população, do que mesmo da violência.

É possível perceber na imagem abaixo, algumas ruas do bairro Nações Unidas com instalação de concertinas, câmeras instaladas nos conjuntos residenciais e protegidos por guaritas e concertinas. Essa imagem é uma ilustração dos vários condomínios residenciais que contém instrumentos de segurança privada.



Figura 05: Localização das ruas com cercas elétricas no Bairro Nações Unidas em Pau dos Ferros – RN.

Fonte: Francisco Ringo Star Pinto

O medo da casa ser invadida, dos roubos e assaltos, enfim do perigo constante é um motivo para que as pessoas construam ou invistam em sua segurança no lar ou na rua. Como bem lembra Tuan (2005, p.12) [...] “todas as fronteiras construídas pelo homem na superfície terrestre – cerca viva no jardim, muralha na cidade, ou proteção do radar – são uma tentativa de manter controlada as forças hostis”.

Estudando o processo de securização urbana na cidade de Campinas (SP), Melgaço (2010, p.106) enfatiza de forma importante em sua análise, ao dizer que “A psicosfera do medo é, assim, uma imaterialidade ativa, pois condiciona ações e altera formas”. Ainda com este mesmo autor, “A psicosfera do medo aparece assim como uma precondição e uma justificativa para a instalação de uma tecnosfera da segurança (...)” (2008, p.106), é dessa maneira que enfatizamos os nossos estudos na cidade de Pau dos Ferros, tendo sempre o cuidado de não comparar a realidade espacial de uma cidade como Pau dos Ferros, que não é tão violenta, mas mostrando a partir de nossas pesquisas e estudos que a configuração geográfica do espaço paufferense vem sendo alterada nos últimos ora, com o pouco sistema técnico de segurança pública a serviço do cidadão, ora, devido a insegurança que perpassa nas relações de convivências sócioespaciais no cotidiano das pessoas.

¹ No bairro Nações Unidas, foram contadas 115 residências com cercas elétricas instaladas, 12 residências com concertinas e 18 residências com câmeras de vigilância, com a função de monitorar a presença das pessoas em direção as residências e os condomínios (resultado da pesquisa em Campo, no dia 19/04/2014, das 7:00hs/min às 11:00hs/min).

4 O sistema técnico atual da segurança pública em Pau dos Ferros

Lembra-nos Santos (2012, p.24) que “As técnicas se dão em famílias. Nunca, na história do homem, aparece uma técnica isolada; o que se instalam são grupos de técnicas, verdadeiros sistemas”. Tal sistema técnico à disposição da manutenção da paz e à garantia da vida humana, que aqui se chamará na visão de Carneiro, et. al. (2008, p.281) de tecnosfera da segurança.

O poder que a segurança pública garantida pelo Estado exerce na sociedade, é de suma importância para a proteção de paz e confiança no território. Quando a segurança pública se ausenta, os conflitos, a desordem, a corrupção e a violência imbuem-se no território. Para Hannah Arendt (2004, p.35), que estudou a violência, esta autora enfatiza que:

O poder e a violência se opõem: onde um domina de forma absoluta, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder esteja em perigo, mas se deixar que percorra o seu curso natural, o resultado será o desaparecimento do poder. Tal coisa ‘significa que não é correto pensar na não violência como o oposto da violência; falar do poder não-violento é realmente uma redundância, A violência pode destruir o poder, mas é incapaz de criá-lo.

O que se tem visto em relação segurança pública brasileira, é o reducionismo, quando se trata de manter a ordem nos lugares, o caráter da lei e da justiça em relação a punição de crimes, onde na visão de Zaluar (2007, p.33) “A corrupção institucional, a irreverência pela lei, a ineficácia e a discriminação no sistema de Justiça, em países como o Brasil, fizeram, no entanto, que a violência urbana aumentasse num ritmo desastroso”. Para Pinto e Carneiro (2013, p.55),

A segurança pública tem como papel fundamental garantir a proteção dos direitos individuais e assegurar o pleno exercício da cidadania. Cabe ao Estado garantir a segurança de pessoas dentro de todo o território brasileiro, a defesa dos interesses nacionais, o respeito pelas leis e a manutenção da paz e ordem pública.

É de extrema importância a presença constante de policiais nos bairros de uma cidade, pois essa presença acaba dando confiança aos moradores daquele local, ao mesmo tempo em que causa certa intimidação para o criminoso que planeja invadir a tranquilidade do cidadão, sendo que no entender de Sales, Ferreira e Nunes (2009, p. 63), “A responsabilidade funcional de manter a ordem pública faz com que ser policial não seja apenas um ofício, e sim uma causa”. Ainda na visão dos mesmos autores, é de total atenção que:

A integração entre polícia e comunidade expressa um caminho por meio do qual a segurança pública passa a ser compreendida e vivida como responsabilidade de todos, facilitando a resolução dos conflitos por gerar reciprocidade de confiança entre policial e comunidade. Definir o perfil do policial nesse novo contexto da segurança estimula a necessidade de uma formação fundada nos direitos humanos. Essa formação permitirá a sua compreensão como detentor de dignidade humana e consiga perceber o cidadão da mesma forma. (Ibidem, 2009, p.64).

Paradoxalmente, percebe-se o pouco investimento da segurança pública por parte do Estado, fazendo com que as pessoas construam cotidianamente a segurança privada criando no seu imaginário a sensação de perigo e insegurança, e se isole das demais convivências sociais, seja com uma instalação de alarme, de uma câmera de vigilância ou a partir da utilização de uma arma de fogo, o ser humano busca se proteger a qualquer custo do criminoso, do inimigo ou de pessoas desconhecidas, mesmo que não tenham intuito de fazer o mal, como no caso do mendigo, do viciado em droga ou do morador de rua.

A insegurança e a carência de meios eficazes no combate a violência e o crime, virou o estopim para que as pessoas se individualizem e se fechem entre si. Há hoje nas médias cidades brasileiras, essa realidade que as civilizações contemporâneas constroem no território.

No que tange o sistema técnico atual da segurança pública de Pau dos Ferros, a segurança ostensiva é garantida pelo 7º Batalhão de Polícia Militar mediante a sua tecnosfera da segurança. A questão da segurança pública nesta cidade, é visto de maneira séria e preocupante, como também é a realidade da maioria das cidades brasileiras, uma vez que a ideia de segurança pública é transmitida para o cidadão como uma falsa ideologia repassada pelo Estado.

Isso acaba se tornando preocupante, sendo que a cidade de Pau dos Ferros, por ser considerada a cidade polo a nível regional, o número efetivo de policiais militares, é pouco quando se trata de garantir a segurança em todos os bairros da cidade. No entanto, sabe-se que a violência estudada nos últimos cinco anos, é considerada alta para os padrões municipais, de acordo com as pesquisas já realizadas, a partir dos check-ups disponíveis da polícia militar regional, localizada na cidade em estudo.

Diante dessa realidade, fica evidente que o número de policiais, é considerado pouco para os padrões populacionais de uma cidade como Pau dos Ferros², que a cada dia se expande territorialmente, vem crescendo e se desenvolvendo ao longo dos últimos 10 anos. Deve-se levar em consideração, que o último concurso realizado para policiais militares no estado do Rio Grande do Norte, foi no ano de 2006, o que pode ser comprovado a partir do número de policiais que trabalham durante o dia e a noite.

Contudo, o sistema técnico atual de segurança do município, é precário, ainda deixa muito a desejar, principalmente pela falta de equipamentos disponíveis e o efetivo policial que faz a guarnição da segurança dos bairros, e dentro do próprio quartel. Diariamente são apenas três policiais, durante o dia e a noite, que fazem a ronda em Pau dos Ferros, apenas com duas viaturas disponibilizadas do Batalhão, o que acaba se tornando muito pouco para fazer a vigília principalmente noturna nos 17 bairros espalhados por Pau dos Ferros, totalizando a expansão urbana do município.

Contudo, mesmo que o bairro estudado não seja tão violento, tão perigoso, deve-se levar em consonância, o motivo das pessoas construírem a sua tecnosfera da insegurança. Instalar câmeras com sensores, portões de aço, guaritas, vigilância particular a noite e outros meios de proteção e ao mesmo tempo de privatização social. As seguranças públicas vêm sendo a muito tempo tratado nas discussões de maneira tímida, pelo fato de ser discutido apenas no papel e pouco executado na prática. Isso é evidente quando lemos o artigo 144 da Constituição Federal (CF) do plano da segurança pública, citado por Peres et. al. (2014, p.133), quando diz que:

No plano da segurança pública, o artigo 144 da Constituição Federal (CF) dispõe sobre os mandatos e atribuições das instituições encarregadas em

² Entrevista com o Subcomandante do 7º Batalhão de Polícia Militar de Pau dos Ferros-RN, Major Carlos Souza, sob autorização do Comandante Tenente Coronel Romualdo Borges Farias no dia 17 de Julho de 2014, às 09h00minhs/min da manhã.

prover segurança e ordem. Segundo o texto, a segurança pública, “dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio”, por meio das Polícias Federal, Rodoviária Federal, Ferroviária Federal, Polícias Civis, Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares.

Fica claramente exposto que o Estado, uma vez que é a instância maior administrativa, tem por total obediência e dever, direito e responsabilidade, garantir a segurança e manter a paz no território. Mas, como já foi bastante ressaltado, a falta de segurança pública, o aumento exacerbado da violência, da criminalidade, da desordem e do desrespeito para com o cidadão, ainda são grandes problemas que existem e que sempre irão existir. Diminuindo ou não a violência e a insegurança, sempre irão no território e os desafios a serem superados e resolvidos. Todavia, as pessoas afetadas ou não, de forma direta ou indireta pela violência ou um ato criminoso, sempre irá procurar proteger a vida do caos exterior, de acordo com as necessidades interpessoais. No entanto, é necessário concordar com Carneiro et. al. (2008, p.282, grifo nosso), quando salienta que:

Na esfera da tecnologia, os armamentos acabam por ser cada vez mais sofisticados e precisos, dessa forma, pela realidade da segurança policial brasileira [...] cria-se uma psicosfera da insegurança humana e social, a de que o criminoso está mais preparado do que a própria polícia, fazendo-as cada vez mais investirem em uma segurança privada, uma tecnosfera da insegurança criada com o objetivo de reconstituir a sensação de segurança.

O bairro Nações Unidas foi uma amostra espacial, dos muitos bairros de Pau dos Ferros, que tem câmeras de vigilância, sistemas de alarmes, cercas elétricas, concertinas e outros aparatos de segurança privada instalados nas residências e condomínios, se constituindo assim a construção da tecnosfera da insegurança. Quanto à segurança pública, ainda a muito o que fazer, todavia quando se trata dos acidentes de trânsito ocasionado na maioria das vezes pela imprudência e a ultrapassagem dos motoristas, dos assaltos contra pessoas altas horas da noite, e pouca vigilância em alguns bairros, mesmo que estes sejam considerados calmos e tranquilos.

5 Considerações Finais

A psicosfera da insegurança é a sensação psicológica, que condiciona as ações e alteram formas, justifica e reafirma a instalação da tecnosfera da insegurança, pois, ambos sempre caminham juntos, independente do aumento ou não da violência, sempre irão existir na condição social das pessoas em comunhão com o espaço geográfico. Em todas as épocas houve psicosferas do medo, e as pessoas sempre procuraram proteger suas vidas dos perigos, individualizando-se e fechando-se diante da sociedade por meio de todo e qualquer equipamento técnico de proteção.

Porém cabe inteiramente ao Estado investir fortemente na tecnosfera da segurança para evitar que os indivíduos produzam em seus pensamentos uma psicosfera da insegurança e que esta precisa ser combatida, devendo-se priorizar formas e ações que privilegiam a segurança de todos, e as solidariedades geográficas. Desse modo, o papel do Estado quanto

aos investimentos na melhoria ambiental é de papel fundamental, que leva a diminuição da violência e suas consequências. Ele exerce um papel positivo e importante na construção de um ambiente construído de políticas públicas fortes que contribua para todos e de preferência aos mais jovens, dentro do território.

Como consequência positiva, a violência vai diminuir e deixará de existir nesse meio, então o cidadão poderá sair de casa, andar nas ruas, visitar amigos sem nem uma sensação de medo ou perigo.

5 Referências

- ARENDDT, H. **Da violência**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível no site www.libertarianismo.org/livros/harendtdv.pdf, acesso em 07/05/2014
- BAIERL, L. F. **Medo social: da violência visível ao invisível da violência**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BALLESTEROS, P. R. Gestão de Políticas de segurança públicas no Brasil: problemas, impasses e desafios. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, v.8, n.1, p.6-22, 2014.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n 1/92 a 43/2004 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão n 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2004.
- CARNEIRO, R. N. et. al. Segurança insegura e violência na região do Alto Oeste Potiguar. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE AS GEOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA E DO MEDO: PELO DIREITO À VIDA: UM ESPAÇO CIDADÃO, 2, 2008, Recife. **Anais...** 2008. p. 231-245.
- _____. Violência e Medo na "tromba do elefante". Tradição e modernidade. In: **Simpósio Internacional sobre as Geografias da Violência e do Medo, 3**. Recife: Editora da UFPE, 2009.
- _____. Violência no Rio Grande do Norte no período de 2000-2010: uma análise da espacialização dos homicídios e dos "transicídios". In: ALBANO, G. P.; FERREIRA, L.; ALVES, A. M. (Org.). **Capítulos de geografia do Rio Grande do Norte**. Natal-RN: Fundação José Augusto, 2013. p.61-89
- IBGE. **CIDADES@ Rio Grande do Norte – Pau dos Ferros**. IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=240940>. Acesso em: 25/05/2014.

SÁ, A. J. (Org.). **Pelo direito à vida: a construção de uma geografia cidadã**. Recife: UFPE, 2008. p.279-296.

_____. **Securização urbana: da psicosfera do medo à tecnoesfera da segurança**. Instituto de Geografia. Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado em Geografia. São Paulo, 2010. 274 p.

MELGAÇO, L. A cidade de poucos: condomínios fechados e a privatização do espaço público em Campinas. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v.2, n.1, p.81-105, 2012.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. (Coleção Milton Santos; 11)

_____. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2012. (Coleção Milton Santos; 1)

PERES, U. D. et., al. Segurança pública: reflexões sobre o financiamento de suas políticas públicas no contexto federativo brasileiro. **Revista Brasileira de Segurança Pública**. São Paulo, v.8, n.1, p.132-153, 2014.

PINTO, F. R.; CARNEIRO, R. N. Medo e Meio técnico-científico-informacional no Alto Oeste Potiguar-RN. **Revista de Estudos da Violência da UNESP/Marília**. São Paulo, n.11, p.47-59, 2013.

SILVEIRA, F. L. A Cultura do Medo e sua contribuição para a proliferação da criminalidade. In: **Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede**, 2. Santa Maria/RS, 2013. Disponível em: <http://www.ufsm.br/congressodireito/anais>. Acesso em: 13/06/2014.

TUAN, Y. **Paisagens do Medo**. São Paulo: UNESP, 2005.

ZALUAR, A. Democratização inacabada: fracasso da segurança pública. **Estudos Avançados**. Rio de Janeiro, v.21, n.61, p.31-49, 2007.